

Nação e ao Estado, rebaixando a comunidade nacional à categoria duma comunidade de interesses, a idéia de Estado à duma "idéia de polícia". Para êle, o Estado não representa de modo algum uma "sociedade de produção e industrialização de matérias primas" ou uma "associação agrícola e fabril", sendo seu fim algo que não se pode deduzir por uma mera operação racional: a evolução moral, espiritual e material do povo.

"Sei perfeitamente" escreve êle a um amigo "que essa opinião contradiz a teoria dos que vêm o fim principal do Estado no fomento e na produção de gêneros de consumo, enquanto para mim êle consiste na perfeição religiosa e moral, intelectual e política. Essa perfeição se torna inacessível se a população se desagregar em operários diaristas, pequenos proprietários miseráveis, em operários de fábricas e numa massa de usurários cristão-judaicos, fundadores de fábricas por atacado e funcionários que o prazer e o amor do lucro fazem atropelar-se através da vida!"

Stein presencia à evolução do liberalismo até depois da revolução de julho e, ano por ano, a nova ordem universal a cuja formação assiste como testemunha passiva lhe desagrada cada vez mais. Uma economia industrial e financeira autônoma, respeitando apenas suas próprias leis, dominada exclusivamente pela ganância e pelo desejo de inovações ameaça suplantiar todos êsses valores históricos que Stein considera sagrados. A "prostituta Razão" que, mercê do pensamento liberal, estende seu poder a todos os domínios da vida, um após outro, já não deixa lugar algum para a tradição nem para a "sabedoria das coisas". Desponta uma "era industrial, comercial parladora" que um homem da compleição espiritual dum Stein só pode amaldiçoar de todo o seu coração. Eis por quê vitupera irritado contra êsse "sistema de popularização econômico-tecnológica", que se devora a si mesmo como Saturno a seus filhos: "Estamos superpovoados, temos superfabricação, superprodução, somos superalimentados e, mercê da letra e da tinta, temos tirado seu gênio humano ao funcionário, seu espírito à administração e transformado tudo num mecanismo sem vida!"

* * *

A-pesar-da importância que convém ligar à luta encetada pelo encanecido deputado whig Edmundo Burke e pelo ministro prussiano aposentado Stein contra as vaidosas pretensões à onipotência peculiares à Razão, nos homens da Aufklaerung e da era liberal, isso não impede de confessar que essa oposição não provém de novas idéias orientadas pelo progresso e sim exclusivamente duma disposição de espírito que, devido aos laços que a prendem ao passado, já não pode compreender que algo de novo se possa criar e vir-a-ser.

Veneração e amor ao passado, persistência nas formas culturais transmitidas, eis as forças que inspiram os protestos de Burke e de Stein. Nesses dois anciãos cujo crepúsculo coincide com a passagem dum século para outro, assistimos ainda uma vez à luta defensiva do que é velho e seguro contra essas inovações que irreverentemente negam a autoridade da experiência e da tradição e se atrevem a instituir, a seu bel-prazer, uma outra ordem universal isenta de passado.

Eis por quê também os gestos de ambos os campeões conservadores denunciam a dignidade altiva duma defesa irritada e sua voz tem um tom rabugento de resmungo. Tiram seus argumentos da "sabedoria do que existiu" e combatem o atrevimento de crer que seja possível afastar-se impunemente da "metodologia da natureza" que dera até então bons resultados, para agir de acôrdo com "especulações não confirmadas pela experiência". Ambos são os porta-vozes da experiência, que nos precata da fantasia; da continuidade, que nos evita um salto no desconhecido.

Todavia, o segrêdo criador que, só êle, é capaz de fazer nascerem novos mundos espirituais, fica para sempre oculto à "sabedoria da experiência". À semelhança dêsse digníssimo ancião da Câmara dos Comuns, a própria experiência, nas grandes curvas da história espiritual tem cada vez de clamar num pranto resignado: "Minha estirpe estancou nesta casa, morro sem herdeiros!"

Assim, às objurgações dêsse conservadorismo compete afinal um mero valor regulativo. Justamente a "realidade histórica", tão prezada por êsses propugnadores da "tradição", não é de modo algum uma simples continuação das formas antigas, mas representa, simultaneamente, a cada instante, um comêço absolutamente novo — não é apenas experiência, mas também inspiração, não somente "humilde respeito perante a tradição histórica" "mas também "atrevimento".

A-pesar-de tôdas as censuras, não resta dúvida que foi um audacioso arranco da fantasia que criou a concepção do mundo da Aufklaerung e inspirou a essa época a coragem de crer na onipotência da Razão e na aptidão do espírito humano a dominar o cosmos físico, orgânico e social. E' evidente que uma mera sabedoria pedantesca tirada da experiência não podia resistir a essa grandiosa concepção.

Quem quiser verdadeiramente libertar a humanidade do seu encantamento racional precisa estar apto a oferecer-lhe uma outra concepção do mundo semelhantemente inspirada. E esta, são os românticos os primeiros que lha proporcionam. A fantasia dessa legião de poetas é a primeira que consegue verdadeiramente sair a campo contra as construções do pensamento lógico-físico.

Seu espírito sonhador gera uma visão que não retrata o mundo como ãa máquina morta e sim como uma abundância de formas vivas, como Eden mágico das figuras mais pitorescas e múltiplas, como um jardim divino onde as seivas internas fomentam um crescimento geral